BABEL E ABRAÃO: DOIS PROJETOS ANTAGÔNICOS

Gênesis 11,1-9 e 12,1-9

Cláudio Dalbon

1 – Introdução

Os dois textos apresentam, até na forma literária, dois paradigmas de sociedades antagônicas, como grandezas equivalentes e opostas em sua dinamicidade. Com Babel estamos na última etapa do mundo mítico das origens e tudo é descrito em forma impessoal e globalizada, com o simbolismo da ideologia da língua única e da cultura única e envolvente no empreendimento da construção da cidade e da torre.

Com Abraão entramos no terreno da história do povo: os personagens têm nomes concretos e significativos e sua experiência é geograficamente bem definida e situada numa caminhada que tem um significado teológico importante na revelação bíblica.

O projeto de Babel é realizado pelos "filhos da humanidade" que usam a mesma linguagem, querem chegar até Deus para perpetuar o seu próprio nome, constroem a cidade e a torre realizando a engenharia de seu próprio orgulho.

Com Abraão é Javé que entra na história da humanidade, não para confundir, mas para chamar a sair da cidade e voltar à terra. O projeto de Javé se manifesta no chamado de Abraão a sair da cidade e ir em busca novamente da terra: "é à tua descendência que darei esta terra". Terra da bênção, para construir um povo e receber o engrandecimento do nome da parte de Deus.

2 – Tradução dos textos do original hebraico

Gênesis 11,1-9:	*Gênesis 12,1-9:*
Toda terra ('erets) era uma única língua e palavras únicas. Vindo do Oriente em seu peregrinar, encontraram uma planície na terra ('erets) de Sinear (na região de Babilônia), onde se estabeleceram. E disseram cada um ao companheiro: "Vem! Fabriquemos tijolos e vamos cozê-los ao fogo". E ficaram com tijolo em vez de pedra e betume (piche) em vez de argamassa. Em seguida disseram: "Vamos edificar para nós uma cidade e uma torre, cuja cabeça penetre nos céus. E façamos para nós um nome para que não sejamos dispersos sobre a face de toda a terra ('erets)."	Javé disse a Abraão: "Quanto a ti, sai da tua terra ('erets) e da tua famíia e da casa de teu pai para a terra ('erets) que eu te mostrarei. E farei de ti um povo grande e te abençoarei e engrandecerei teu nome e serás uma bênção. E abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem e em ti serão abençoados todos os clãs da terra ('adamah). E Abraão saiu como lhe tinha falado Javé e saiu com ele Ló, e Abraão tinha 75 anos quando saiu de Harã. E Abraão tomou sua mulher Sarai e Ló, filho do seu irmão, e todos os seus ben que tinham adquirido e a

E Javé desceu para ver a cidade e a torre que os filhos dos humanos (da humanidade) tinham edificado. E Javé disse: "Veja! Um único povo e uma única língua para todos eles. E este é o início do seu empreendimento e agora não será impossível para eles que tudo o que planejam possa ser realizado. Vamos, desçamos e confundamos (misturemos) sua linguagem a fim de que um homem não compreenda a língua do seu vizinho". Assim Javé os dispersou daquele lugar sobre a face de toda a terra ('erets). Eles pararam de edificar a cidade. Este lugar foi chamado de Babel, porque aí Javé confundiu a linguagem de toda terra ('erets), e os dispersou daquele lugar sobre a face de toda a terra ('erets).	gente que tinham adquirido em Harã e saíram rumo à terra ('erets) de Canaã e chegaram à terra ('erets) de Canaã. Abraão viajou na terra ('erets) até o lugar santo de Siquém, até o Carvalho de Moré. Naquele tempo os cananeus habitavam a terra ('erets). Apareceu Javé a Abraão e disse: "À tua descendência darei esta terra ('erets)". E Abraão edificou um altar a Javé que lhe tinha aparecido. E daí continuou até o monte a oriente de Betel e armou a sua tenda tendo Betel a oeste e Hai a leste. E edificou aí um altar a Javé e invocou o nome de Javé. E partiu Abraão para ir e seguir até o Negueb.

3 – Elementos de crítica textual e de composição literária

3.1

"*'erets* 'terra' é o quarto substantivo mais usado no AT, aparecendo 2.504 vezes no hebraico e 22 vezes no aramaico" (veja o *Dicionário Internacional de Teologia do AT*, editado por R. Laird Harris, Gleason L. Archer e Bruce K. Waltke, Edições Vida Nova, São Paulo, 1988, nas p. 124/125).

Confrontando os dois textos percebemos que o substantivo *'erets* ocorre 6 vezes no texto de Babel e 7 vezes no texto de Abraão, com estas diferenças: em Gn 11,1-9 temos uma única vez o substantivo *'erets* sem o adjetivo de totalidade (toda a terra), exatamente no v. 2 quando se designa o lugar geográfico em que foi construída a cidade e a torre: na planície de Sinear, "termo usado para designar o sul da Mesopotâmia, a planície de aluvião entre os rios Eufrates e Tigre... Posteriormente passou a ser chamada Babilônia" (*Dicionário*, p. 1595).

Nas outras 5 vezes o termo *'erets* é precedido pela especificação da totalidade – toda a terra, o mundo todo. Em Gn 12,1-9 temos 7 vezes o uso do termo *'erets* e uma vez o termo *'adamah*, ou seja, terra cultivada. Abraão é convidado a sair de sua terra, para uma outra terra indicada por Javé como sendo a terra de Canaã, pois naqueles tempos os cananeus habitavam esta terra. "Esta terra", conclui Javé, "darei à tua descendência."

3.2

Os dois quadros bíblicos acima colocados são ligados entre si pela genealogia de Sem até Abraão, passando por Arfaxad, Salé, Heber, Reu, Sarug, Nacor e Taré, pai de Abraão, de Nacor e de Arã em Ur dos caldeus. Com a morte de Arã em Ur, Taré to-

mou Abraão e Sarai, mulher de Abraão, com o neto Ló, filho do falecido Arã, e os fez sair de Ur dos caldeus em direção à terra de Canaã. Chegando em Harã se estabeleceram nesta cidade onde Taré morreu. A partir deste momento da morte do pai, Javé entra na vida de Abraão, para o conduzir no caminho da aliança com a promessa de descendência e de terra.

A genealogia de Sem em Gn 11,10-32 retoma e desenvolve a genealogia de Noé em Gn 10,1-32. Neste ponto temos a impressão de que o quadro de Babel é um parêntese inserido posteriormente no bloco literário das origens, cuja finalidade, além de encerrar os mitos originais, é de servir de contraste com a maneira de Javé entrar na história da humanidade e realizar o projeto da salvação: com os impérios globalizantes Javé age confundindo, a salvação está na confusão; com Abraão a salvação está na vocação.

3.3

A universalidade geográfica do quadro de Babel nos faz lembrar das grandezas dos impérios. A expressão "toda a terra" recorre 5 vezes. O sujeito da torre de Babel quase não aparece no texto: os verbos estão acéfalos, somente no v. 5 se diz que estes que edificaram a cidade e a torre são "os filhos de Adão" – os humanos. Quem os identifica é o próprio Javé que desce para ver o que está acontecendo.

Os diálogos são apresentados como ordens indiscutíveis de uma programação fixa e peremptória. (Vem – fabriquemos – vamos edificar – façamos para nós...). Estas ordens são apresentadas num dinamismo desenvolvimentista e num crescendo de intensidade ideológica.

A primeira ação é a adoção de uma nova tecnologia de fabricação: tijolos no lugar de pedras e betume/piche no lugar de argamassa.

O segundo empreendimento é a construção de uma cidade e uma torre cujo topo penetre os céus.

Em terceiro lugar a finalidade de toda esta obra e nova tecnologia é "engrandecer o próprio nome". Construir um nome para não ser dispersos sobre a face de toda a terra. A união que impede o dispersar-se é finalizada ao engrandecimento do nome.

A finalidade de construir cidade e torre e engrandecer o nome é para não permitir que o império construído por esses empreendimentos quebre, se despedace e o pessoal se disperse: é preciso construir e manter a globalização.

3.4

Enquanto os homens querem conquistar o céu, construindo um império com cidade e torre, e manter-se unidos nesta globalização, a partir de Gn 11,5 se descreve a ação de Javé que desce do céu à terra e examina a ação/construção/império dos humanos. Javé reconhece a força aglutinadora da ideologia imperial. Teme que este início leve os homens a realizar tudo o que planejam na linha da globalização e intervém confundindo a linguagem e dispersando.

O verbo explicativo de todo o quadro usado pelo autor do texto é o termo hebraico *balal* (misturar, confundir, ou dar provisão, providenciar). Por causa desta ação divina, que interrompe a globalização do império, o lugar da cidade e da torre que os humanos deixaram de terminar foi chamado Babel.

A intervenção de Javé é descrita como ação de confundir a globalização, confundir exatamente para providenciar uma nova experiência humana. Babel é geograficamente ligada à planície de Sinear.

Sinear ocorre várias vezes no AT.

> "Em Gn 10,10 se diz que Ninrode, o grande tirano e fundador de império, deu início a seu reino em Babel, Ereque, Acade e Calné na terra de Sinear. A partir daí foi avançando para o norte, na direção da Assíria. Foi ali em Sinear que também a humanidade rebelde construiu a bem-conhecida torre de Babel, num direto desafio a Deus (Gn 11,2). Em Dn 1,2 vemos que Nabucodonosor leva os utensílios do templo de Deus para a terra de Sinear, e em Is 11,11 se conta que Sinear é uma das terras de onde o Israel reajuntado voltará, na época do estabelecimento da era milenar. Em Zc 5,11 a mulher no alqueire (no efa), representando o acúmulo do mal (v. 8), é retirada para a terra de Sinear, onde é erigido um templo para ela. Tudo isto aponta para um significado sinistro de Sinear, mostrando que esta região onde foi construída a cidade e a torre de Babel é o principal centro de desenvolvimento de uma cultura e de uma civilização alicerçadas sobre uma religião falsa, rebelde, contra o Deus verdadeiro e a sua palavra revelada, é o berço da tirania imperial; são inimigos do povo, em suma, são o símbolo da impiedade" (*Dicionário*, p. 1595).

Abraão em Gn 14 é chamado a guerrear contra os reis assaltantes, para libertar o primo Ló que tinha sido seqüestrado, juntamente com o rei de Sodoma: entre os reis seqüestradores é nomeado Anrafel, rei de Sinear (Gn 14,1.9).

Desta forma na Bíblia a crítica ao império babilônico como símbolo de todo império globalizante fica bastante evidente e significativa. A crítica é encabeçada pelo próprio Javé com a torre de Babel logo antes do início da história da salvação com Abraão. Os povos são chamados a se desenvolverem na dispersão, depois da aliança com Noé (Gn 10,18.32); e no caso de Abraão a migração da cidade para a terra prometida constitui a vocação especial do patriarca do povo da parte de Javé.

3.5

Insistindo na seqüência literária da genealogia de Noé, entre Gn 10,32 ("estes foram os clãs dos descendentes de Noé, segundo suas linhagens e segundo suas nações. Foi a partir deles que os povos se dispersaram sobre a terra depois do dilúvio" – Portanto, há dispersão tanto após o dilúvio, como depois de Babel) e Gn 11,10 insere-se o episódio da torre de Babel, confusão das línguas e dispersão. Em Gn 11,10 se retoma a genealogia de Noé com a descendência de Sem, para chegar até Abraão em Harã. Podemos concluir que o projeto de Babel é um projeto mítico. É impessoal. É baseado na língua única e em palavras únicas, enfatizando a unicidade da ideologia assegurada pelo único instrumento de comunicação.

É preciso que Javé intervenha, descendo profeticamente e confundindo essa linguagem mítica da globalização imperial. A intervenção de Javé que desce e confunde o mito de Babel se realiza historicamente no chamado de Abraão a migrar para carregar a bênção divina e tornar possível uma nova experiência de humanidade e formar o verdadeiro povo de Deus. Nesta trajetória da busca da terra com mulher estéril, sobrinhos órfãos agregados ao clã, os poucos pertences, o grupo de Abraão passa pelo deserto da resistência, pela alternativa de caminhos e de projetos que não são controlados pelo sistema globalizante.

4 – A vocação de Abraão

Gn 12,1-9 é chave de leitura fundamental do javista. O javista apresenta nela, com convicção, a proposta do tribalismo de Israel.

4.1

Javé chama Abraão a sair, a realizar o êxodo, a deixar sua família, em busca de outra terra. Os construtores de Babel queriam engrandecer seu próprio nome. Javé vai tornar famoso o nome de Abraão fazendo com que ele mesmo se torne uma bênção para o povo. Em Abraão serão abençoadas todas as famílias, ou melhor, todas as *mishpahot 'adamah*, todas as "associações protetoras" dos clãs agrários.

A bênção de Abraão tem endereço certo: a *mishpaha* como organização solidária dos clãs transforma os mesmos numa rede de participação social e comunitária, em forma alternativa com respeito às cidades.

4.2

Gn 12,4-9 descreve a trajetória do clã patriarcal desde Harã até Canaã. Na terra dos cananeus Abraão visita os lugares sagrados dos santuários do tribalismo israelita: Siquém, onde Josué vai realizar a assembléia constituinte do povo de Deus (Js 24), a montanha de Betel, onde Jacó fez o sonho e foi abençoado por Deus que mudou seu nome para Israel (Gn 28,10-22; 35,1-15). Por fim, em lugar de construir uma torre, construiu um altar e invocou o nome de Javé; em lugar de construir uma cidade, migrou de acampamento em acampamento, vivendo como migrante até o Negueb: Abraão é conhecido como o patriarca do sul que vive como vivem os nômades do deserto.

Nesta trajetória da cidade para a montanha até o deserto, o patriarca Abraão vive sua vocação e missão: este peregrinar é orientado pelo Espírito e pelo projeto do êxodo, em oposição ao projeto dos filhos da humanidade que constroem Babel.

4.3

Vamos nos deter um pouco sobre a busca da terra como proposta de Deus a Abraão. O solene juramento de Javé, depois que ordenou ao patriarca sair de sua família e da cidade de Harã, ao chegar à terra de Canaã, é assim expresso em Gn

12,7: "darei esta terra à tua descendência". Pode-se supor que Abraão ainda não estava preparado pessoalmente para possuir a terra das mãos de Deus. Ele podia organizar um projeto alternativo de poder para competir com os cananeus. O projeto idealizado por Javé é um projeto antagônico ao projeto de Babel, e não competitivo com o mesmo.

Por isso Deus entregará a terra aos descendentes de Abraão quando estes souberem viver numa sociedade alternativa e antagônica à sociedade dos cananeus, numa sociedade tribal, justa e igualitária, contra toda exclusão, depois que, vivendo a aliança, Abrão (= pai alto) tiver se tornado Abraão (= pai dos povos, Gn 17,4-8) e depois que Sarai (= minha princesa) tiver se tornado Sara (= simplesmente princesa, Gn 17,15-22), sem ser propriedade do homem, capaz então de gerar o filho da promessa.

O projeto de Deus não é um simples projeto alternativo que entra em competição com o projeto de Babel. A confusão de Babel provocada por Deus não é uma arma para derrubar o adversário. A confusão divina em Babel tem a finalidade de interromper a construção da cidade e da torre a fim de que outro projeto alternativo e antagônico seja possível. Deus confunde para providenciar a realização de um outro projeto com a vocação de Abraão.

Em Dt 8, um poema que canta a beleza da terra prometida, encontramos a intencionalidade de Deus em dar essa terra onde corre leite e mel aos descendentes de Abraão. Javé doa a terra depois de conhecer as intenções deste povo através das provas do deserto. É preciso passar pela prova da fome e do maná para saber que o homem não vive somente de pão, mas de tudo aquilo que sai da boca de Javé. O deserto é indispensável para vencer a tentação de Babel na busca da terra prometida:

> "não aconteça que seu coração fique cheio de orgulho, e você se esqueça de Javé seu Deus, que o tirou do Egito, da casa da escravidão... Não vá pensar portanto: Foi a minha força e o poder de minhas mãos que me conquistaram essas riquezas. Lembre-se de Javé seu Deus, pois é Ele quem... lhe dá força para se enriquecer, mantendo a aliança que jurou a seus antepassados, como hoje se vê. Todavia se você esquecer completamente Javé, seu Deus, vocês morrerão" (Dt 8,17-19).

A memória antagônica a Babel, nestes versículos, é mais do que clara. O projeto de Babel é um projeto globalizado que leva para a morte. Deus desce e confunde para inserir na história humana um projeto de salvação e de vida encabeçado por Abraão, que tem como realização da aliança a entrega da terra: nesta terra da promessa é possível se enriquecer mantendo a aliança com Javé. Mas este projeto é alternativo e antagônico a Babel.

4.4

Citamos do livro *A narrativa do céu* (Edições Paulinas, v. 1) de Gianfranco Ravasi, nas p. 28-29, quando fala de "geografia mística":

> "Detenhamos este eco que continua nas páginas bíblicas, e que gira em torno de uma palavra hebraica muito cara à Bíblia, *'erets*, terra, ou seja, a terra por definição. Trata-se de uma modesta região de cerca de 25.000 km^2, pouco menor que a

Sicília, dividida em três zonas de norte a sul: a fértil Galiléia, a árida Samaria, a montanhosa e desértica Judéia...

Essa diminuta faixa de terra é prenhe de infinitos significados e valores simbólicos. É o objeto da promessa divina feita a Abraão, Isaac e Jacó, promessa realizada com o Êxodo do Egito. É, portanto, dom, compromisso, sinal, razão pela qual a topografia bíblica ultrapassa os limites em poesia, a física em ideal, como aparece no confronto de um território árido e inóspito, como é a Palestina, com este 'hino da terra prometida', da *'erets* apresentada no livro do Deuteronômio: *''erets* fértil, *'erets* cheia de ribeirões de água e de fontes profundas que jorram no vale e na montanha; *'erets* de trigo e cevada, de vinhas, figueiras e romãzeiras; *'erets* de oliveiras, de azeite e de mel; *'erets* onde você comerá pão sem escassez, pois nela nada lhe faltará; *'erets* cujas pedras são de ferro e de cujas montanhas você extrairá o cobre' (Dt 8,7-9). O versículo seguinte conclui-se introduzindo, pela sétima vez, o termo *'erets*: 'Quando você comer e ficar satisfeito, bendiga a Javé seu Deus pela boa *'erets* que lhe deu' (Dt 8,10). Um setenário elogioso que transfigura aquele território que geograficamente, a partir dos romanos, será justamente chamado Palestina, isto é, Filistéia, por causa do nome de uma população de origem européia (talvez helênico-cretense) que dará muito trabalho a Israel.

A *'erets* representa, portanto, um símbolo; tanto é verdade que Jeremias a interpelará como se fosse uma pessoa: *''erets, 'erets, 'erets*! Escute a palavra do Senhor!' (Jr 22,29). E lentamente ela se transformará em imagem da terra perfeita, recriada por Deus para os justos: 'Quem é abençoado por Deus possuirá a *'erets*... Os justos possuirão a *'erets* e a habitarão para sempre' (Sl 37,22.29). Palavras que Jesus retomará em seu Sermão da Montanha: 'Bem-aventurados os mansos (os despossuídos), porque herdarão a terra!' (Mt 5,5). Uma terra na qual a justiça triunfará, uma terra 'cumulada pela sabedoria do Senhor, como as águas recobrem a extensão do mar' (Is 11,9)".

O contraste entre o território árido e inóspito como é em grande parte a Palestina, e a terra de Deus fértil e espaçosa, cheia de ribeirões e de fontes... terra onde corre leite e mel, este contraste é para evidenciar a mudança de projeto que Javé exige numa participação alternativa do povo de Deus que vive a aliança em forma antagônica a Babel.

Insistimos neste aspecto porque o antagonismo do projeto alternativo de Deus com respeito a Babel exige saída, migração, deserto (mudança de coração) para usar a terra como dom de Deus, em forma oposta ao uso que o império faz dela.

Os 40 anos de deserto, a própria sorte de Moisés que, após ter liderado a caminhada da libertação pelo deserto, foi impedido de entrar nela, pelo desgaste da liderança, sendo assim enterrado no monte Nebo... Tudo isto explica que o surgimento da sociedade alternativa querida por Deus é uma empresa de tempos longos, é um treinamento constante de lideranças alternativas, um fermentar contínuo do coração com a semente e a memória do projeto de Deus, sem deixar-nos distrair pelas ideologias globalizantes.

Nós que sonhamos esta utopia de Deus na história teremos que aceitar a sorte de Moisés de ver a terra prometida sem entrar nela, mas sentindo no coração que esta é a

terra de Deus, o sonho de Deus para a humanidade, e renovando continuamente a esperança para que o povo continue a caminhada na certeza de poder partilhar a vida, a terra, os bens na dignidade e na paz, sem excluir ninguém.

Como profetas temos que manter viva esta utopia e despertar lideranças abraâmicas na massa dos excluídos, especialmente neste tempo de globalização e de fim da história.

5 – A Babel do sistema neoliberal globalizado

> "Nas assembléias legislativas, nos governos, no mundo acadêmico, na mídia do mundo inteiro, inclusive nos púlpitos das Igrejas, não somente nas Igrejas protestantes dos Estados Unidos, em todas as partes se impõe 'la pensée unique'/o pensamento único. Quem não se submete ao pensamento único fica excluído de todos os lugares importantes na sociedade. Já não pode falar ou, se falar, não será ouvido."

Esta constatação de José Comblin está no seu último livro sobre *O neoliberalismo – Ideologia dominante na virada do século* (Coleção Teologia e Libertação – Série VI, tomo 1 – da Editora Vozes). O livro apresenta muito bem como a linguagem única e as palavras únicas da Babel moderna ameaçam o futuro da humanidade. Seguindo as argumentações de Comblin, vamos dar uma panorâmica rápida da Babel neoliberal como conclusão hermenêutica de nossa reflexão sobre Babel.

Os paladinos da ideologia neoliberal são cínicos em suas afirmações:

> "Os adversários do neoliberalismo são imorais! A economia liberal é por natureza global. Constitui o que é mais acabado na aventura humana. Deveríamos ser orgulhosos dela, individual e coletivamente, por termos contribuído a construí-la pelo nosso trabalho e pelos nossos votos" (*Neoliberalismo*, p. 11).

Frases como estas foram proclamadas em junho de 1997. Poucas semanas depois deste hino, estourou a crise no Sudeste Asiático, caíram as economias na Coréia do Sul, na Malásia, na Tailândia, na Indonésia e milhões de trabalhadores foram jogados na rua, perderam o seu emprego e o seu dinheiro por terem acreditado nas promessas dos ideólogos neoliberais. Apesar dessas convulsões nas bolsas de valores que se repetem em várias partes do mundo, o neoliberalismo ainda não perdeu o seu prestígio intelectual.

> "Quando aumenta o desemprego em algum lugar do mundo, sobe a Bolsa de Valores. Os ricos aumentam a sua riqueza quando cresce a miséria das massas. O neoliberalismo justifica tudo" (*Neoliberalismo*, p. 13).

O mundo mudou muito em 20 anos. Uma nova classe construiu para si um paraíso, uma Babel planetária, uma torre de riqueza cuja cabeça penetra os céus para o engrandecimento do próprio nome sobre a face de toda a terra.

Quando Javé vai descer para confundir esta Babel, este monstro do mercado total que seqüestra a riqueza, imobiliza a produção, exclui a massa dos trabalhado-

res como inúteis, para meia dúzia de magnatas competirem no videogame das Bolsas de Valores?

Seja no início da história bíblica (Gn 12,1) como no fim da mesma (Ap 18,4) Deus chama a sair, a viver em ritmo de êxodo, a não se deixar transformar em estátuas de sal pela propaganda da ideologia neoliberal, e sim a viver a vocação de Abraão.

Talvez hoje, nesta passagem do milênio, pela sensibilidade apocalíptica que respiramos no *kairós* jubilar, sintamos com mais força e em forma mais adequada a voz divina do Apocalipse que assim proclama:

> "Saia dela, meu povo, pois Babilônia, a Grande, caiu e tornou-se morada de demônios, abrigo de todos os espíritos maus, abrigo de aves impuras e nojentas. Saia dela meu povo. Não seja cúmplice dos pecados dela, nem atingido por suas pragas" (Ap 18,2-4).

Saia de Babel, meu povo. Tome o caminho de Abraão, vá para a terra que eu lhe indicar, pois esta terra darei à tua descendência; esqueça o programa neoliberal, as privatizações, a volatilização do capital financeiro, o jogo sujo para aumentar os capitais e gerar riqueza virtual, uma riqueza de papel que na realidade sacrifica bilhões de seres humanos.

Saia dessa Babel, meu povo, pois nela a família fica desestruturada e desintegra-se numa coleção de consumidores, transformando-se numa justaposição de indivíduos que já não sabem comunicar (*Neoliberalismo*, p. 22).

Saia de Babel, meu povo, pois a ideologia da globalização insinua-se no subconsciente.

> "Cada gesto, cada ato, cada palavra, cada sentimento, cada expressão, cada desejo vai adquirindo feições especiais, as feições da civilização dos Estados Unidos. As novas gerações bebem a ideologia neoliberal na sua Coca-Cola, no novo leite materno dado pela nova Mãe Universal" (*Neoliberalismo*, p. 37).

6 – A catedral (torre) da Babel neoliberal

O sistema neoliberal se apresenta também como uma grande catedral:

> "As empresas tratarão de comprar a colaboração das Igrejas, oferecendo-lhes um *status* interessante na sociedade... E as Igrejas estão ansiosas por recuperar visibilidade social, mesmo que se lhes imponha a missão de servir às grandes empresas... As Igrejas seriam máquinas de disciplinar os pensamentos e os desejos das pessoas. Fariam com os seres humanos o que a indústria faz com a matéria" (*Neoliberalismo*, p. 79-80).

A sociedade neoliberal não deixa espaço para uma religião e teologia da libertação tipo Medellín e Puebla. Só cria espaço para os fundamentalismos. Por isso os povos latino-americanos buscam a salvação nas igrejas pentecostais. Estas oferecem uma religião "forte", uma experiência de salvação – Jesus me salvou! –, um rigor moral implacável capaz de superar vícios.

Na Igreja católica aparecem movimentos semelhantes que também são exemplos de religião "forte": experiência religiosa forte, afirmação radical dos dogmas, defesa apaixonada dos preceitos morais, e tudo orquestrado por sociedades fortes e rigorosas como: Opus Dei, Legionários de Cristo e assim por diante (*Neoliberalismo*, p. 98).

Nesta imensa catedral do sistema neoliberal, os meios de comunicação fazem, sem cessar, a propaganda da ideologia e do sistema. Neles o pensamento crítico é ignorado ou ridicularizado. Todos os noticiários anunciam vitórias, escondem derrotas, justificam desastres econômicos como pequenas falhas do sistema que estão sendo corrigidas, e tudo isto numa segurança arrogante típica do pensamento único.

Por outro lado as empresas culturais de hoje, responsáveis pelo pensamento único, produzem o que mais se vende. O quantitativo substitui o qualitativo. Daí a degradação da cultura popular.

> "Grande parte da produção cultural é publicidade. Basta ver a TV, ouvir o Rádio, abrir jornais, revistas. Tudo está cheio de publicidade. Até as cidades transformam-se em painéis de publicidade... Cultura é publicidade! E os estímulos mais fortes da publicidade são dois: o sexo e a violência. Absurdo moralmente, mas não absurdo economicamente: a pornografia rende mais do que as universidades" (*Neoliberalismo*, p. 134).

E quando a mídia se interessa pela religião é porque há sinais de dinheiro e para uma religião triunfar no sistema neoliberal precisa de muito dinheiro. Mas o sacerdote fica prisioneiro da imagem que a mídia transmite. Assim a religião entra na cultura do dinheiro.

No Brasil quem começou foi a Igreja Universal do Reino de Deus. Existe o perigo de que agora todas as igrejas queiram adotar o modelo da Igreja Universal.

> Este tipo de religião é degradante, infantiliza o povo e comete um verdadeiro roubo porque mente para extrair dinheiro" (*Neoliberalismo*, p. 138).

Existe o perigo de transformar a evangelização em publicidade, para conquistar os indivíduos no mercado religioso.

> "A crítica é: precisa-se romper claramente com os métodos da Igreja Universal. Pois quem se deixa envolver neste círculo não consegue mais escapar dele... O pior é que, em tal sistema, o povo estará feliz porque encontrará o que busca. Os agentes religiosos, felizes porque ganham prestígio social e muito dinheiro. Somente Deus terá motivo de queixa porque terão feito do seu evangelho um meio para enganar o povo" (*Neoliberalismo*, p. 139).

Saia dela, meu povo! Não seja cúmplice dos pecados dela, nem atingido por suas pragas.

7 – A teologia do êxito num mundo desigual

No nosso sistema de hoje não existem somente sacerdotes que o sacralizam, mas também profetas que o denunciam. A propósito disso fazemos questão de citar (resu-

mindo) um texto da biblista latino-americana Elsa Tamez, publicado em *RIBLA*, n. 30 ("Economia e vida plena"), p. 28-30:

> "Uma das caraterísticas mais marcantes do nosso mundo atual é a competitividade exacerbada em todos os níveis, uma competitividade promovida sem cessar pelos Meios de Comunicação que chegam a todas as partes do mundo pelo fenômeno da globalização. Todos e todas estamos sendo convocados a ser ganhadores e não perdedores... Mil conselhos sobre como ter êxito e prosperar economicamente. Esta ideologia do êxito torna possível que agora tenhamos os mesmos desejos, sonhos e modelos de vida. Esta ideologia do êxito tem também a sua teologia de suporte chamada evangelho da prosperidade, ou também confissão positiva: Nós cristãos somos filhos do Rei e portanto devemos viver luxuosamente como Reis. Cristo traz prosperidade não só espiritual, mas também física e material.
>
> O mercado se apresenta como alternativa para dar a felicidade e prosperidade material que todos desejam e a teologia da prosperidade anuncia essa felicidade e prosperidade material como direito adquirido de quem aceita Jesus Cristo como Salvador: a condição é a entrega à livre concorrência sem barreiras, fazendo assim a vontade de Deus.
>
> Não haveria problema se as promessas se cumprissem, mas a realidade é outra. Desemprego, pobreza crescente, desumanização, violência sem limites, deterioração do meio ambiente, colocam em evidência que as promessas do evangelho da prosperidade é somente para um pequeno número de ganhadores, excluindo deste paraíso sempre mais gente.
>
> Se o cristão entra na competição do mercado para prosperar materialmente, é obrigado a não conhecer nem a graça, nem a misericórdia, mas a perversidade da competição e, naqueles que não conseguem prosperar, o mundo dos pecadores e os possessos do demônio: os excluídos do mercado são catalogados como pecadores endemoninhados. Esta afirmação é falsa, desumana e cínica. Depois da exclusão é preciso demonizar os excluídos. A pobreza é uma manifestação do mal e do demônio, que está porém na lógica do mercado e não nas vítimas do mesmo. Não se trata de exorcizar os pobres, mas de condenar a lógica atual do mercado, o pecado estrutural do neoliberalismo, e buscar uma lógica na qual as pessoas ocupem o primeiro lugar e haja espaço para todos e todas."

8 – Conclusão

Depois de ter confundido os construtores da cidade e da torre – ou, melhor dito, para confundir os construtores do monstro de Babel –, Javé chama Abraão a buscar outra terra e outra bênção, outro sistema de vida, a migrar, a sair, a viver o êxodo. Nós cristãos do ano 2000, no *kairós* do grande jubileu, nos identificamos com essa chamada, com essa missão, com essa alternativa. "Todo mundo sabe que a utopia do nosso século é possível", dizia Fernando Henrique Cardoso em 1978 (*Siglo XXI,* p. 36).

Trata-se da utopia de resolver as necessidades básicas de todos os pobres do mundo. Os recursos existem e nem sequer exigiriam tantos sacrifícios por parte das

classes dirigentes. Sucede que as classes dirigentes não se sentem responsáveis pela pobreza do mundo.

Aqui, sem dúvida, as igrejas cristãs poderiam desempenhar um papel mais protagonista. E se é difícil motivar as estruturas religiosas e pastorais das igrejas como um todo, Deus continua chamando as minorias abraâmicas para viver e viabilizar no mundo esta missão alternativa.

A Igreja terá feito tudo o que estava a seu alcance para melhorar a situação acima descrita? Terá sido suficientemente profética? Ou estaria tão ocupada com seus próprios afazeres que não lhe sobra tempo para meter-se neste mundo?

> "Em contraste com o movimento do êxodo rural, que tem caraterizado as migrações nas últimas décadas em nosso país, o filme *Central do Brasil* nos convida a fazer um movimento em sentido inverso: o itinerário da volta. Volta para o 'pai'. Volta à periferia, ao campo, ao sertão. Volta para lá onde tudo começou, muito longe do centro, bem distante dessa 'Central', que já não sabe mais por que, nem em relação a que é 'central'.
>
> Ir em busca do 'pai' significa partir à procura da própria identidade, das raízes familiares, dos laços vitais que permitem que a pessoa não se sinta perdida no mundo. Talvez seja disto que o Brasil precisa no momento: voltar às nossas raízes culturais e naturais, não desprezar o que vem de nossas terras, do nosso interior, do nosso povo mais humilde, das raças oprimidas – negros e índios – que compõem nossa população pobre, nossos migrantes abraâmicos que vivem debaixo da perseguição e no exílio..." (Tereza Cavalcanti, em artigo de *Tempo e Presença*, n. 309, jan.-fev. 2000, p. 23).

Encerramos o presente artigo com o Manifesto do Foro Internacional das Alternativas de 1998 que conclama a todos com um grito jubilar:

Está na hora de reverter o curso da história.
É tempo de pôr a economia a serviço dos povos.
É tempo de derrubar o muro entre o Norte e o Sul.
É tempo de encarar a crise de civilização.
É tempo de rechaçar o poder do dinheiro.
É tempo de sermos verdadeiros cidadãos.
É tempo de voltar a valorizar os valores coletivos.
É tempo de globalizar as lutas sociais.
É tempo de despertar a esperança dos povos.
Chegou o tempo das convergências.
O tempo da ação já começou.

Manaus, 22 de abril (500 anos de conquista, esperando outros 500).

Prov. do Paraná e Sta. Catarina
BIBLIOTECA CENTRAL
FREIS CAPU...